

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.



Apresentada como a primeira mulher que publicou um romance em Moçambique, muito embora a escritora se declare uma simples contadora de histórias, Paulina Chiziane conta com uma produção editorial considerável e é citada pela crítica como uma das revelações mais promissoras da Literatura Moçambicana. Após algumas colaborações como ficcionista em periódicos moçambicanos (*Domingo, Página Literária e Tempo*), estreou como romancista com *Balada de amor ao vento* em 1990 pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). Em 1995 publica o romance *Ventos do apocalipse* como edição da própria autora, fato que por si denuncia a dificuldade de ingresso e a permanência no universo editorial moçambicano. Cenário que se modificou ao ser apresentada a um dos editores da casa editorial portuguesa Caminho por ocasião de uma feira de livros em Frankfurt. A partir de então, Paulina Chiziane teve sua obra efetivamente divulgada e referida em seu país e no exterior. Temos então a publicação em Portugal dos romances *Ventos do apocalipse* (1999), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche*, uma história de poligamia (2002) e *Balada de amor ao vento* (2003). Os seus mais recentes lançamentos ocorreram em 2008 e são o romance *O alegre canto da perdiz*, publicação simultânea em Maputo e Lisboa pelo convênio editorial Ndjira/Caminho e a trilogia de contos *As andorinhas*, publicação realizada pela jovem casa editorial moçambicana Índico Editores. O título de “revelação promissora” é corroborado pelas numerosas reedições e traduções em países como Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França e Itália, além de ter recebido, *ex-aequo*, o “Prêmio José Craveirinha de Literatura” em 2003 pelo romance *Niketche*, uma história de poligamia, ao lado de Mia Couto. Vale ressaltar, outrossim, o fato de encontrar-se esgotada a edição de seu último romance *O alegre canto da perdiz*, denotando a consolidação da posição desta escritora moçambicana no cânone das literaturas de língua portuguesa.

Se perguntada sobre a sua escrita, Paulina Chiziane diz que não é romancista, mas sim contadora de histórias, não é feminista, mas escreve numa perspectiva feminina sobre histórias de mulheres. Na sua obra encontramos

como tema recorrente o campo e a sociedade tradicional, algumas vezes a cidade. No entanto, é descrevendo as ambiguidades do sujeito moçambicano dividido entre a tradição e a modernidade imposta pelo colonialismo e pela política revolucionária que a autora constrói uma escrita voltada para debates de caráter social, histórico e cultural. Se de um lado, não se encontra alinhada com posturas radicais e definitivas, mantendo um discurso pacificador que privilegia a complementaridade dos gêneros, por exemplo, de outro lado, sabe usar oportunamente o instrumento da ficção para suscitar temas polêmicos, a exemplo da feitiçaria e da poligamia, matérias que enformaram os romances *O sétimo juramento* e *Niketche*, respectivamente, provocando intensos debates. Não é por menos que estes romances são os mais traduzidos e os mais analisados no meio acadêmico.

Através de ferramentas próprias da oralidade que são as formas simples como provérbios e contos exemplares, Paulina Chiziane constrói uma estrutura romanesca peculiar, no sentido de que subverte a própria forma literária ao inundar a sua escrita com estas referências da tradição oral africana, especialmente chope, sua etnia de origem. Desta forma, também se apresenta *O alegre canto da perdiz*, em que se misturam às histórias das personagens, fórmulas e lendas tradicionais. Os fios narrativos enredam-se em torno da personagem Delfina, que se vê como uma heroína. Negra e rebelde, afastando de si o caminho da mulher resignada e anônima, não aceita a tríade “nasceu, pariu e morreu”. Afinal, ela representa um marco, pois *foi dela o primeiro marido branco a morar no bairro dos negros. Foi a primeira negra a morar no bairro dos brancos. Desafiou o sistema* (CHIZIANE, 2008, p. 268). É a perdiz que canta na noite sem lua “prenunciando o futuro de maldição no curso das gerações”.

É nesse tom, anunciado desde a epígrafe no início do romance que Paulina Chiziane retoma temas perturbadores que permeiam o tecido social moçambicano, mas sempre por meio do olhar feminino. “Entre as pernas da mulher, correm os caminhos do mundo” (Dya Kasembe, escritora angolana), e é pelas mãos das personagens femininas que percebemos os papéis desempenhados pela mulher moçambicana. As filhas de Delfina, Maria das Dores e

Jacinta, são o retrato da ambiguidade social que se guia pela discriminação da raça. Frutos da união de Delfina com José dos Montes, negro assimilado, e Soares, português, respectivamente, estas personagens espelham os caminhos possíveis a negros e mestiços numa sociedade convulsionada pelas diretrizes coloniais e revolucionárias após a independência.

Contudo, mais ácida do que a crítica às hipocrisias racistas acolhidas até mesmo na esfera privada da família, é a perspectiva do país independente que encontramos subjacente à narrativa de *O alegre canto da perdiz*. A vitória dos assimilados – agora protagonistas da História com “o saber e a língua dos marinheiros” e o colonialismo que já não é estrangeiro, mas negro, encerram uma ironia que se pretende combater com a perene construção do mundo e a esperança da completa mestiçagem da qual resulte uma só raça, uma só nação.

Nestes “papéis femininos” destacamos a múltipla presença das mulheres na sociedade, como mães, produtoras e, principalmente, responsáveis pela conservação e

transmissão da memória da sua comunidade, iniciando seus filhos nos meandros da História, atividade essa que acompanha as mitologias, muitas vezes sob formas narratológicas. E é pela narração, particularmente em Moçambique onde são as mulheres que exercem o papel de contadores de histórias, que percebemos a possível reconstrução das identidades femininas. Assim, a voz feminina, ainda que surja pela incorporação de elementos da dominação, tem a oportunidade de reelaborar seus recursos a fim de deslocar ou subverter a relação de dominação. São estas vozes femininas que encontramos entre as personagens de Paulina Chiziane, cujos discursos e caminhos levam a uma releitura dos mitos permitindo a reconstrução de suas identidades.

DÉBORA LEITE DAVID
USP

Recebido: 08 julho de 2009
Aprovado: 26 agosto de 2009